
Performando na Cidade: A Cena Ballroom e Suas Manifestações Artísticas no Rio de Janeiro¹

Alison Cardoso BRANDÃO²
Carlos Henrique de Araujo CAVALCANTE³
Cíntia Sanmartin FERNANDES⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa iniciada em 2023, envolvendo um estudo colaborativo sobre as cenas musicais do Brasil, com a participação de pesquisadores de Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. A proposta do trabalho é investigar como a Cena *Ballroom* desafia e reconfigura as ambiências urbanas por meio de suas performances e práticas artísticas. Com base em pesquisa de campo cartográfica, acompanhamos os rastros dos atores humanos e não humanos em suas associações adotando os protocolos de pesquisa sugeridos pela Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), utilizada aqui como principal referência teórico-metodológica. De um modo geral buscamos observar as potencialidades políticas emergentes nas festas de rua da cultura LGBTQIAPN+. Observamos que essas ambiências se destacam pela música, pela dança e por gestos que se dão a ver num fazer político revelador de um forte movimento ativista na cidade do Rio de Janeiro

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Música; *Ballroom*; LGBTQIAPN+.

Introdução

Este trabalho é resultado parcial de uma pesquisa que se iniciou em 2023 e compõe um trabalho coletivo das cidades musicais do país que conta com a participação de pesquisadores de quatro capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife). Atualmente nos encontramos em um momento ainda exploratório, observando

¹ Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ, e-mail: alisonbrandao22@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ, e-mail: carloshenriquerj1907@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Pesquisadora CNPq e PROCiência. Doutora em Sociologia Política (UFSC). Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ. Coordenadora do CAC (Laboratório Comunicação, Arte e Cidade) e-mail: cintiasan90@gmail.com

os corpos que se apresentam nos *ballrooms*⁵, nas *runways*⁶, nos espaços de disputa, e os corpos que emergem e vivem a ambiência, mesmo que não estejam performando nas disputas. Entretanto, é preciso ressaltar que a realização da pesquisa não é algo que conseguimos com facilidade, visto que nosso foco é vivenciar e documentar eventos que acontecem em espaços públicos, o que não são encontrados com tanta frequência. Isso se dá devido ao posicionamento, ou até mesmo estratégia desse/as sujeito/a/s de se manter clandestinos, alternativos e independentes em relação ao *mainstream* local. O que, muitas das vezes, restringe as *ballrooms* a espaços privados. Outra barreira que ainda tentamos transpor é a aversão a pesquisadores nesses ambientes. Durante o início da pesquisa, fomos informados por um dos participantes de uma *house*⁷ que os integrantes das casas costumam rejeitar convites de pesquisadores para entrevistas. Muito disso se dá ao motivo (plausível) de não querer que lentes binárias tentem traduzir o significado e a importância da cena *ballroom*, visto que, essas lentes podem estar enviesadas ou por não conseguirem capturar e expressar o que aquele todo representa.

Nesse contexto, a escolha pela investigação cartográfica que fundamentou as reflexões apresentadas aqui aposta na necessidade de desacelerar - praticando o conceito de "Lento-ciologia", de Bruno Latour, para conseguirmos, de alguma forma, acompanhar os rastros dos atores humanos e não humanos em suas efêmeras associações (Latour, 2012). Dessa maneira, Latour reconhece a dificuldade de aplicar os protocolos de pesquisa adotados pela Teoria Ator-Rede (utilizada aqui como principal referência teórico-metodológica), especialmente porque os vínculos sociais estudados são geralmente evasivos.

O social tomado como um sólido (como essencialidade) perde sua capacidade de associar-se. Ao mesmo tempo, tomado como um fluido tende a desaparecer: relampeja brevemente no momento fugaz das associações. Os vínculos sociais são só rastreáveis quando estão se modificando, em movimento, em agregações e tensões. [...] Quando estamos num mundo que deixa de ser rastreável corremos o risco de ser seduzidos pelos atalhos das categorias totalizantes [...] (LATOUR, 2012, p. 230).

⁵ Ballroom: Eventos, festas onde ocorrem as competições entre as houses e apresentações das categorias que cada casa irá batalhar.

⁶ Runway: Passarela onde ocorrem as apresentações.

⁷ House: Grupo de acolhimento, funcionando como uma família. Termo surgiu nos anos 1960, designado aos grupos de acolhimento de membros da comunidade LGBTIAPN+ que eram expulsos de casa ou perdiam seus lares.

A partir desse modo de compreender os espaços da cidade utilizamos de recursos metodológicos como fotografias, vídeos e entrevistas, ao acompanhar tanto os calendários das festas dessa comunidade, como também, seguimos os atores a partir de suas *houses* por meio de postagens em suas redes sociais, tendo como foco central compreender ambiências da cidade e suas manifestações artísticas para além do que está em destaque na cultura urbana *mainstream*⁸ do Rio de Janeiro. Desse modo, por meio de ferramentas da teoria ator-rede, seguimos as mídias sociais das *houses* e seus integrantes, buscamos calendários e eventos pertencentes à região central carioca (centro estendido) e realizamos registros audiovisuais com atores da cena e simpatizantes. Além disso, é necessária a ressalva de que este trabalho está sendo desenvolvido por pessoas que, por mais que sejam componentes da comunidade LGBTQIAPN+, não compõem a cena *ball* e se propuseram a compreender a importância dessa manifestação para a cultura, para a comunicação e para a sociedade do Rio de Janeiro, observando outras formas de vivenciar e pertencer à cidade.

Showing your true colors: O surgimento da cena ballroom

De acordo com Cíntia Fernandes e Micael Herschmann (Fernandes e Herschmann, 2024, no prelo), a cena *ball* tem seu início nos anos de 1960 e se estende pelas principais cidades americanas, no período dos movimentos em favor dos direitos das minorias, buscando reivindicações e posicionamentos contra o sistema patriarcal, cis e heteronormativo que não atendia às demandas e necessidades da população marginalizada, uma vez que essa manifestação é oriunda dos subúrbios novaiorquinos, fruto de pessoas negras e latinas. No ano de 1970 o chamado movimento contracultura ganha força e com isso o *ball* também, as primeiras *houses* começam a surgir e se estruturar nas periferias dos EUA. Mesmo que a dança *vogue* já fosse uma realidade da cultura americana, apenas em 1990 a cena *ball* torna-se popular, com o apoio e apropriação da cantora Madonna e o lançamento da faixa “*Vogue*”, e o documentário “*Paris is Burning*”, escrito e dirigido por Jennie Livingston, ocorreu, assim, uma midiaticização e um maior conhecimento sobre a cultura *ballroom*, se espalhando pelo mundo.

⁸ Mainstream: Termo usado para referir a uma tendência

Porém, esse movimento de resistência aos sistemas opressores tem início muitos anos antes disso. Os primeiros registros que dariam um *start* ao que conhecemos hoje como *ballroom* são de 1920, na zona norte da cidade de Nova York, conhecida por ser reduto da cultura afro-americana. *Harlem Renaissance* era muito mais que apenas uma pequena manifestação de entretenimento para a população negra daquele território. Era um grande marco que coloca em visibilidade toda a potência das comunidades negras americanas e suas influências nas diversas áreas da cultura, a potencialidade negra, que marca o período pós-abolicionista, reconstruindo um novo imaginário daqueles corpos no meio social. Esse movimento conta, também, com a presença de pessoas LGBTQIAPN+, que expressam já significativa importância nas construções musicais, estéticas e performáticas.

Seguindo as ideias e pensamentos de seus antepassados, em 1967, o documentário “*The Queen*”, dirigido por Frank Simon, que registra os bastidores do concurso de *drag queens*, “*Miss All-America Camp Beauty Contest*”, surge uma das figuras mais simbólicas da cultura *ballroom*, considerada a primeira *mother*⁹, Crystal Labeija, mulher trans negra, quando anunciada como a quarta colocada do concurso, se retira do palco e nos bastidores tece críticas e denuncia o racismo presente nessas competições, até que um comentário é lançado sobre a fala de Labeija: “*Showing your true colors*”, expressão que é usada pelos americanos para dizer determinada pessoa está mostrando quem realmente é. Crystal responde que tem direito de mostrar sua cor. Logo depois do ocorrido, em 1970, nasce “*First Annual House of LaBeija Ball*”, criado por Crystal e Lottie, a primeira competição voltada para pessoas pretas e latinas, surgindo a primeira *house*, tendo Crystal como *mother*, deixando um legado que permanece vivo até hoje.

“Do not attempt to leave the dancefloor”¹⁰: A cena *ball* e suas novas referências

No ano de 2018, chega a plataforma de filmes e séries, Netflix, a série “*Pose*”, ambientada nos anos 80, tem como temática principal a luta das comunidades LGBTQIAPN+ no período do surto da *aids* nos Estados Unidos. Voltada para a cultura

⁹ Mother: Figura que coordena as *house*, a responsável pelo acolhimento, organização das categorias. O título não está atrelado às questões de gênero.

¹⁰ Do not attempt to leave the dancefloor: Trecho de *sample*, utilizado por Beyoncé na faixa “*Alien Superstars*” do álbum *Renaissance*.

ballroom, a série serve como um elemento de introdução dos jovens ao conhecimento sobre a cena, pela linguagem e história contada. Com o sucesso da produção, a cultura *vogue* reacendeu. Na terceira temporada é enfatizada a significância da cantora Madonna na visibilidade do movimento *underground*¹¹ afro-latino.

Apropriando-se positivamente das estéticas sonoras, visuais e corporais, tornou-se um dos principais símbolos da época contra a LGBTQIAPN+fobia e sorofobia, sendo perseguida e boicotada pela população conservadora, não só na época, mas até hoje, Madonna é alvo de críticas, sendo associada à promiscuidade por lutar a favor da liberdade dos corpos. Toda essa significância gerou algumas críticas à cantora pela apropriação da cultura afro-latina. Entretanto, é inevitável não legitimar a aliança da artista que acarretou em avanços na discussão sobre a temática no âmbito social.

Nesta época, uma onda de conservadorismo mundial começava a ameaçar os direitos da população *Queer*. As eleições de 2016 nos Estados Unidos que definiu Donald Trump como novo presidente americano, seguida da vitória de Jair Bolsonaro em 2018, poderia ser algo que colocaria em risco a luta dos movimentos sociais no ocidente, mas que serviu de gás para que a partir da arte, as minorias (re)existissem (Fernandes, 2022), ganhando mais visibilidade e força.

Dialogando com pesquisadores especializados no tema (Haraway, 2020; Mons, 2023; Butler, 2019), Preciado, em “Dysphoria Mundi”, discorre sobre a existência do *trouble*, a partir da brecha entre dois sistemas: A oposição crítica e a desobediência política e a falha do sistema capitalista e do poder petrossexoracial (Preciado, 2023), surgiria o *trouble*: um regime de tensões que possibilitam alterações sociais, políticas, sexuais e ecológicas. É a partir desse *trouble*, que caminhamos para transformações significativas para a cultura LGBTQIAPN+ mundialmente.

Como a popularização de artistas negros, trans, *drags*, *gays*, como Pablio Vittar, Gloria Groove, Mona Brutal, Karol Conka, Rico Dalassam, Danna Lisboa, entre outros que movimentaram a cena musical brasileira na época. Ali, aos poucos, a cena *ballroom* começou a mostrar suas caras na cultura verde amarela, tendo esses corpos disfóricos (Preciado, 2023 e 2018) em evidência não só pelos veículos comunicacionais, mas também, pela sonoridade e estética presente nesses indivíduos. Séries como *Legendary* e *Rupaul 's Drag Race* ajudaram ainda mais na construção do entendimento da cultura *ball*.

¹¹ Underground: Termo usado para culturas que fogem do padrão normativo, fogem dos padrões comerciais

Hoje quando pensamos mundialmente em *ballroom*, um segundo nome, além de Madonna, está associado à arte. Beyoncé, no ano de 2022, ao lançar seu álbum “*Renaissance*”, fez alusão ao movimento de 1920, reviveu ainda mais todo o imaginário atrelado a essa manifestação. Trazendo referência de artistas negros da cena *house music*¹² americana dos anos 80, utilizando de diversos *samples*¹³, Beyoncé revive a história dos artistas afro-latinos da comunidade LGBTQIAPN+, em uma linda homenagem a seu tio, que faleceu vítima de *aids*.

Baseado nas reflexões e considerações de Butler (2019) em seu debate com Hooks (1991), parte-se do pressuposto de que a Cena *ballroom* não se limita a reproduzir elementos culturais do *mainstream*. Ao analisar as práticas culturais e performances dos atores trans nos eventos abordados nesta pesquisa, observa-se que eles frequentemente misturam as fronteiras da cultura dominante. Assim como ocorre com outros movimentos e expressões culturais que integram elementos da cultura *pop*, caracterizada por seu grande dinamismo (embora isso muitas vezes não seja percebido por avaliações mais rápidas e superficiais), esses atores tensionam e se apropriam criativamente dos signos do universo mais institucionalizado. Esse processo amplia, direta e indiretamente, a percepção do “*trouble*” no cotidiano da cidade.

Por dentro da cena *ballroom*

Para quem está fora da cena *ballroom*, pode ter certa dificuldade para entender como funcionam essas apresentações artísticas que borram com os limites de gêneros impostos pela sociedade. Todas as pessoas que competem nos *balls* fazem parte de casas, as conhecidas *houses*. Elas proporcionam esse espaço seguro, para que os artistas possam treinar e competir com outras casas, e também ter nomes que diferem uma das outras, como por exemplo a *House of Labeija*, uma das primeiras casas que se tem conhecimento, nos Estados Unidos, na década de 70, ou até mesmo a *House of Xtravaganza*, que ganhou notoriedade após terem alguns de seus dançarinos presentes na turnê *Blond Ambition*, da cantora Madonna, em 1990. No Brasil, as cidades que concentram as principais casas da

¹² House Music: estilo musical

¹³ Samples: Utilização de uma gravação sonora em uma nova faixa musical

cena *vogue* são São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Elas que, atualmente, sediam os principais *balls* e eventos de *vogue* do país.

As *houses* e as *balls* também representam um espaço de autodescoberta e quebra de padrões de heteronormativos e de gêneros. Lá não existem movimentos, roupas ou atitudes de homem e de mulher. Tódes são livres para se expressar da maneira como bem entender, sem que isso seja um fator para definição de gênero ou sexualidade. Por isso que as *houses* desempenham um papel de extrema importância para que os indivíduos que fazem parte dela, se libertem de qualquer padrão imposto pela sociedade e se expressem artisticamente de forma livre. Já as *ballrooms* se mostram como um lugar para esses corpos, que são rejeitados pela sociedade, se mostrarem e evidenciarem toda sua magnitude, fazendo com que o público vibre com sua performance e presença enquanto desfilam pela *runway*.

A ballroom é quase como uma galáxia que vai ter planetas específicos com as vivências específicas, com a sua sobrevivência específica. Eu acho que o ballroom brasileira, por exemplo, mostra muito isso, da diversidade que você encontra a partir das localidades. Eu to falando da diversidade, do verdadeiro sentido da palavra diversidade. E é uma diversidade coletiva que junta indivíduos com propósitos parecidos. (Trailblazer Yagaga Kengaral)¹⁴

“No fucking shade”¹⁵: a cena ball carioca e suas demandas:

A expressão americana é usada nos momentos das competições. O “*shade*”, é uma gíria usada como um afronto, indireta. Quando alguém, sobe na *runway* e dá o seu melhor, gritasse “*No fucking shade*”, em sua tradução ao pé da letra, “sem porra de sombra”. Fazendo uma analogia da construção estética, sonora, identitária e estrutural da cultura *ballroom* na dinâmica da cidade carioca, com a tradução da frase, é nítido que a cultura LGBTQIAPN+ tem, a cada dia mais, saído das sombras da cultura americana e criado uma nova arte. A cultura brasileira consegue adaptar novas expressões culturais a suas realidades (Ribeiro, 1995). Transformando sonoridades, danças, movimentos artísticos, hibridizando com elementos nacionais, e assim, dando origem a algo novo.

¹⁴ Trecho retirado da exposição “Cosmologia Ballroom”

¹⁵ No Fucking Shade: Gíria usada nas batalhas de Ballroom quando um ator em disputa tem um bom empenho e se sai melhor que o outro.

Observamos que a cena *ballroom* carioca obtém diversos atravessamentos. Enquanto fiel a cultura e legado americanos: nos gritos de guerra, categorias, frases de efeitos etc. O *vogue* brasileiro sofre uma espécie de hibridização, com outras manifestações artísticas brasileiras. As duas amostras utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa comprovam como a arte urbana tende a buscar meios de se assemelhar com a realidade e necessidade de seus atores, a fim de atender novas demandas. A presença do *funk* e samba, tornou-se parte da estética *ballroom* do Rio. Saindo das “sombras”, da cultura americana e apropriando-se desse estilo para atender suas próprias demandas.

No evento sediado na Praça da Harmonia, intitulado “Afrika é Feminina: *Vogue night* crias de Ogum”, onde além de levar o nome do orixá associado à masculinidade, virilidade, força e a guerra. Podemos ver na composição da dança de alguns atores, referências à dança do orixá do ferro. Não só isso, o evento contou com uma batalha de samba e finalizou com uma roda de samba, composta por mulheres trans negras.

Além disso, é recorrente nas batalhas o uso de batidas de *funk* nas horas das apresentações. Essa cultura produz “uma cosmologia própria que se faz e se transmite no corpo (vivência), na performance (dança/moda/beleza/realidades) e na voz (chant/música)”.¹⁶

Felix Pimenta, é apontado como um dos principais responsáveis pela chegada do *ballroom* no Brasil, além dele, dançarinos não binários que iam para Nova York mediarão a imigração da cultura *queer*. São Paulo, por exemplo, é considerada a primeira cidade onde foi fundada a cultura *ballroom* no país. Hoje em dia a cena do Rio e de BH tem ganhado um papel significativo na disseminação da arte *vogue*. No Rio de Janeiro, muitos atuantes da cena sugerem que o coreógrafo e bailarino Diego Cazul, *father*¹⁷ da *house of CaZul*, foi um dos principais precursores da cena *ballroom* carioca, no ano de 2010. Hoje em dia a cena carioca tem se expandido mais, tomando não só espaços privados como públicos. Atualmente, no Rio de Janeiro, podemos contar diversas casas, destacam-se a CaZul, Mamba Negra, Império, Xstravaganza e a Cosmo.

Buscando entender o crescimento da cena *ball* no estado do Rio de Janeiro, nos colocamos a observar como a cultura *ballroom* tem agido de maneira significativa na construção de uma cidade mais inclusiva e diversa. Possibilitando, cada dia mais, um

¹⁶ Trecho retirado da exposição Cosmologia Ballroom

¹⁷ *father*: Figura que coordena as *house*, a responsável pelo acolhimento, organização das categorias. O título não está atrelado às questões de gênero.

cenário intercultural mais amplo, analisando sua construção e atuação dentro dos espaços públicos, privados e híbridos, gerando um novo olhar para a cidade do Rio de Janeiro.

Eu consumo bastante a rua, foi na rua que eu encontrei um mundo diverso e me identifiquei com esse mundo. Acho que me dá uma esperança na vida ver que as coisas são muito mais diversas do que eu mesmo imaginava, e hoje para mim a felicidade está na rua. É ver o mundo que é muito mais amplo do que pregam geralmente pra gente (...)¹⁸

Vanguarda *Ball*: A deriva pelas ruas do Rio

No desenvolvimento dessa pesquisa, buscamos pertencer à cidade de modo incomum. Tendo em mente o conceito de deriva, tínhamos como objetivo visualizar a cidade para além da sua funcionalidade, analisando as tensões e brechas presentes nos espaços e levando em consideração os elementos comunicacionais que dialogam com a cidade do Rio, assim caminhando pelas ruas e direcionando nossos olhares as pequenas expressões culturais que não obtêm tanta atenção e visibilidade.

Em um sábado, 20 de abril de 2024, caminhamos da praça da cruz vermelha a caminho de nosso destino: Rua do Senado, 48. Nesse percurso, é notório como os componentes comunicacionais da cidade se alteram. O som e a movimentação da rua sinalizam com o que iríamos nos deparar. Ao virar uma esquina, damos de cara com o que o historiador Luiz Antonio Simas, em sua obra “Corpo encantado nas ruas”, chama de epistemologia das encruzilhadas: Sendo esse ponto de encontro de caminhos, onde possibilita-se achar o mágico, o encantamento e entendimento de outras realidades.

Uma das ruas mais famosas da cidade, Lavradio, colide com a rua do Senado, a manifestação da dualidade que é presente na cidade “maravilhosa”. Enquanto em uma, o samba se faz presente, misturado com o *jazz* e toda estética carioca: chinelo havaiana, roupas floridas e tons quentes e alegres, roupas leves. Do outro lado, o que embala a rua é o *House music* e o *pop*.

O evento em questão era o Vanguarda *Ball*, uma parceria entre a instituição autônoma e colaborativa, Solar dos Abacaxis, e as *houses*: *Legendary House of Lauren* e a *Iconic House of Ninja*, que aconteceu em um espaço híbrido, onde a *runway* era

¹⁸ Entrevista com Ana Carolina dos Santos Gomes, feita pelos pesquisadores no evento “Áfrika é Feminina: Vogue night crias de Ogum”, no dia 27 de abril de 2024.

encontrada dentro de uma galeria, junto com uma exposição chamada “Cosmologia *Ballroom*”, mostrando os principais artistas da cena *ballroom* brasileira, um grande globo espelhado e luzes ambientes de todas as cores compõem o espaço.

No segundo andar, uma continuação da exposição com artefatos referentes à simbologia da cultura negra. Da janela, observamos a rua, um mix de estilos e cores, corpos disfóricos (Preciado, 2023), que por muitas das vezes são invisibilizados na cidade, estão em destaque e presentes em grande quantidade. Corpos trans, não binárias, cis, pessoas negras, brancas, adultos e crianças, encontram-se presentes na rua. O diurno e o noturno, se chocam e mostram para além do pensar a cidade de forma racional, mas o pensar lúdico de uma cidade movida pela arte.

O público em geral é formado pela sua tribo (Maffesoli, 1998), porém, o que notamos nessa dinâmica híbrida é que a possibilidade de um espaço aberto permite uma ampliação de público. Desde curiosos, até membros da cena e simpatizantes. “[...] eu nem sabia desse evento que tava rolando aqui, eu tava em outra coisa, eu acabei vindo para cá e eu fiquei muito feliz, quando eu descobri que era um evento organizado por pessoas trans[...].” (SANTOS, Alan. Frequentador do evento em entrevista concedida para Cíntia Sanmartin, Maio de 2024. Gravação digital.)

A presença de um público mais juvenil também é algo que prendeu a nossa atenção no dia da apresentação. Em meio a uma cultura associada à vulgaridade e promiscuidade, tantos corpos marginalizados presentes dentro daquele ambiente, um grupo de crianças, formado por meninos e meninas se divertiam na *runway*, performando e pedindo para serem apresentados e aplaudidos.

Afrika é Feminina: Vogue night crias de Ogum

Observamos, em nossas buscas pelos eventos, que a grande maioria das *balls* ocorrem em espaços periféricos, como o Museu da Maré, por exemplo. Essas localidades, que para o público externo, soa como perigoso, para eles tende a ser um espaço seguro e de maior respaldo para expressar suas artes. Quando ocorrem em lugares mais populares, como por exemplo a região central do Rio, são sempre em museus ou espaços com algum tipo de investimento privado.

A grande maioria dessas festas, quando privadas, tendem a ser pagas, sempre um valor simbólico, como a “*Word off Kill Bill Ball*”, que ocorreu no Museu da Maré e era

cobrado um ingresso no valor de quinze reais. A “Áfrika é Feminina: *Vogue night* crias de Ogum”, aconteceu em praça pública, Praça da Harmonia, em meio a um dos bairros mais boêmios e negros da região central do Rio de Janeiro, a Gamboa, um evento totalmente externo, o que normalmente não é tão comum na cena carioca.

Olhando ao redor notamos bares, um parquinho com grande concentração de crianças brincando e uma espécie de quartel da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Esse evento tinha um teor muito mais simples, não tão luxuoso como o “Vanguarda *Ball*”, a *runway* era feita de um tecido vermelho que cobria o chão de terra, folhas presas em uma linha, simbolizando o *mariwo*¹⁹ de ogum, enfeitavam o evento, um dj e jogos de luzes completavam a *ball*.

Mesmo com essas limitações, a arte *ball* transformou uma simples praça em um grande evento de música, estilo e presença. A *runway* ganha forma, entre gritos, estalos de dedos e a música que embala o entardecer de um dia ensolarado. Um Policial Militar chega e questiona os responsáveis do evento sobre a autorização de som e ocupação de uma praça pública. Entre diversos apontamentos, ele justifica que o nível do som atrapalhava o quartel que estava em frente. A música não para, as performances continuam e (re)existem (Fernandes, 2022).

Esses corpos não se silenciam mesmo que o Estado, representado pelo sistema policial tente os parar, os invisibilizar. Ao contrário, seguem colocando em cena um conjunto de performatividades (Butler, 2018) mobilizadoras, as quais articulam de maneira criativa especialmente as referências de gênero, pós-gênero e raciais desconstruindo as políticas coloniais.

É importante salientar que em nosso entendimento essas interações entre corpo, cidade e experiência estética são performances coletivas, ou “formas corporificadas de ação” que acionam, conforme Butler (2018, p.14), solidariedades provisórias, ou o que denominou de assembleias repentinas, onde os diferentes e diversos corpos se reúnem tendo como desejo e potência de ação o redesenho da experiência sócio-política urbana. Oferecem, desse modo, outras percepções sobre as condições sociais e políticas de existências corporais: não só ao performarem na e pela cidade, mas também ao construir alianças potentes que lhes permitem (sobre)viver em condições precarizadas.

¹⁹ Mariwo: Elemento da cultura do candomblé. Folha de dendezeiro desfiada que simboliza a vestimenta do orixá ogum.

Considerações Finais

Assim, percebemos que as *balls* vão além de simples competições, representando uma jornada de autodescoberta, reconhecimento e reivindicação de espaços historicamente negados. As performances, mais que movimentos coreografados, são expressões de identidades fluidas e em constante transformação. Na passarela, os corpos desafiam as normas binárias de gênero e sexualidade, servindo como testemunhos vivos de que a diversidade é não só aceitável, mas essencial. As houses, com seus integrantes, gritos de guerra e momentos de performance, tornam-se instrumentos de ação política, criando uma rede de apoio e solidariedade que ultrapassa as rivalidades momentâneas.

Ao observar as festas *ballroom* e os corpos que as habitam, testemunhamos não apenas uma exuberante celebração cultural e da vida, mas também uma poderosa afirmação de identidade, de pertencimento, formas de existir e de fazer política e modos de resistência. Esses corpos nos convidam a repensar nossas noções preconcebidas de gênero, sexualidade e normatividade, inspirando-nos a abraçar a diversidade como um ato político transformador. Ao se lançarem para o mundo, por meio das *balls*, evidenciam que a dança, a festa e a política são partes inseparáveis do mesmo movimento coletivo de busca por igualdade, reconhecimento e cidadania.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jéssica. **Há 100 anos, o Harlem Renaissance colocava a produção artística negra em seu lugar de destaque.** ELLE Brasil. 09 de Jul. 2020. Disponível em: ><https://elle.com.br/cultura/ha-100-anos-o-harlem-renaissance-colocava-a-producao-artistica-negra-em-seu-lugar-de-destaque>> Acesso em: 26 de Jun. 2024.

Arte e resistência LGBTQIAPN+: a cultura Ballroom em Belo Horizonte. Espaço do Conhecimento UFMG. 18 de Jun. 2024. Disponível em: ><https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/arte-e-resistencia-lgbtqiapn-a-cultura-ballroom-em-belo-horizonte/>< Acesso em: 26 de Jun. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam.** São Paulo: N1 Edições, 2019.

FERNANDES, Cíntia S. et al.(orgs.) **Artivismos Urbanos.** Porto Alegre: Sulinas, 2022.

FERNANDES, Cíntia S.; HERSCHMANN, Micael. **Emergência de corpos disfóricos na cidade do Rio de Janeiro nas territorialidades sônico-musicais construídas pela Cena**

Ballroom Carioca, In: Cidades Musicais (In)visíveis. Micael Herschmann; Cíntia Sanmartin Fernandes; Jeder Janotti Junior; Jorge Cardoso Filho; Simone Luci Pereira (org.), Porto Alegre: Ed.Sulina, 2024 (no prelo).

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema**. Barcelona: Consonni, 2020.

HOOKS, Bell. **Is Paris Burning?** In: Z, Sister of the Yam Column. Jun. 1991.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MILLAN, Camilla. **“Come on, vogue”:** Qual a importância de Madonna para o vogueing - e por que a cultura ballroom vai muito além da cantora. RollingStone. 19 de Ago. 2020
Disponível em: ><https://rollingstone.uol.com.br/noticia/come-vogue-qual-importancia-de-madonna-para-o-vogueing-e-por-que-cultura-ballroom-vai-muito-alem-da-cantora/#:~:text=Segundo%20a%20artista%2C%20o%20E2%80%9Cuso,e%20nem%20informa%20as%20pessoas>< Acesso em: 24 de Jun. 2024.

MONS, Alain. **L'étendu du Trouble**. Montréal: Liber, 2023.

Novo Anhangabaú | **Crystal LaBeija, a mãe do Vogue**. 06 de Nov. 2020 Disponível em:
><https://www.novoanhangabau.com.br/blog/crystal-labeija-a-mae-do-vogue>< Acesso: 24 de Jun. de 2024

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

PRECIADO, Paul. **Dysphoria Mundi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RODRIGUES, Thais F. **A cultura Ballroom na cidade de São Paulo: um estudo etnográfico e netnográfico**. São Paulo, 2023